

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

# Música, Filosofia e Educação 2

 **Atena**  
Editora  
Ano 2019

Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)

## Música, Filosofia e Educação 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © da Atena Editora  
**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Diagramação e Edição de Arte:** Lorena Prestes  
**Revisão:** Os autores

#### **Conselho Editorial**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
---	--

M987	Música, filosofia e educação 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Música, Filosofia e Educação; v. 2)
------	--

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-7247-105-3  
DOI 10.22533/at.ed.053190502

1. Música – Filosofia e estética. 2. Música – Instrução e estudo.  
I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 780.77

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A natureza e o valor da Educação Musical são determinados pela natureza e valor da música. Com base nesta premissa inicial, Reimer estabelece argumentos para afirmar a necessidade de uma filosofia para educação musical: A qualidade da compreensão sobre uma atividade profissional está relacionada ao impacto na sociedade que esta profissão pode obter. Assim, a educação musical só deixaria a “periferia da cultura humana” quando houvesse maior entendimento profissional do valor da educação musical. Para Liane Hentschke, a música não está no rol das “disciplinas sérias” por causa “uso que se tem feito dessa área de conhecimento e da atividade profissional decorrente dela” (Hentschke, Del Ben, 2003, p. 117). Para modificar este panorama, é preciso uma tomada de consciência dos profissionais que estão atuando no campo da pedagogia musical. Reimer entende que o profissional consciente do valor de sua profissão, mais que um elo na comunidade pedagógica, é alguém que tem a visão modificada a respeito da natureza e do valor de sua vida pessoal (1970, p. 4); As bases para a valorização da educação musical exigem a configuração de uma filosofia. No entanto, seus efeitos serão mais produtivos se essa filosofia estiver em desenvolvimento durante a formação do educador musical. Segundo Cláudia Bellochio, as pesquisas sobre educação musical no Brasil poucas vezes são referência para o ensino de música nas escolas, o que constituiria “um hiato entre a produção de pesquisas e a apropriação de seus resultados no contexto da escolarização” (2003, p. 129). Assim, a ausência de uma articulação entre ensino e pesquisa em nossas universidades reforça a necessidade de uma filosofia de educação musical, que seria capaz de conciliar os diversos saberes mobilizados e que estariam conjugados nas ações e reflexões da prática docente; A música é uma disciplina do conhecimento que também constitui caminho para se entender a realidade. Reimer (1970, p. 9) afirma que o aluno que entende a natureza real da música pode partilhar as visões da realidade que a música oferece. O problema nessa questão é o contraste entre o ensino da disciplina e a prática da mesma fora da escola. Enquanto em suas atividades extra-escolares o aluno se conecta com uma vasta gama de opções musicais e trafega por diversos contextos culturais (internet, TV, espaços públicos), na escola ele costuma ter contato com expressões musicais que pouco ou nada tem a ver com sua realidade sonora. Sobre o último ponto, vale esclarecer que não se trata de celebrar acriticamente o conhecimento musical que o estudante traz consigo, prática esta que, em geral, redundaria em uma reprodução destituída de aprofundamento contextual e analítico em relação às canções ou hits da mídia de massa. Por outro lado, a introdução da gramática da música (a teoria) desvinculada do fazer musical espontâneo resulta em uma prática inócua e sem sentido para o aluno. Se as visões concernentes a uma educação musical na contemporaneidade observam os novos contextos estabelecidos na sociedade, concebendo estruturas que constroem uma rede de relações a partir do conhecimento e da experiência do sujeito (Fonterrada, p. 175-6), ainda há nas escolas

um vazio entre o que é ensinado e o que é compreendido e praticado pelo aluno. Em relação a esse tópico, Bennett Reimer argumenta que uma alternativa para a fundamentação filosófica da educação musical é a abordagem estética da música. O autor assinala que a educação musical deve ter entendimento da natureza e do valor estéticos da música, a fim de realmente tornar-se educação musical. Porém, como veremos a seguir, essa opção por uma educação estética encontra oposição e contra-argumentação nos estudos de outros pesquisadores da educação musical.

**No artigo PRINCESA ISABEL: GÊNERO E PODER NO IMPÉRIO E MÚSICA, os autores, Solange Aparecida de Souza Monteiro, Karla Cristina Vicentini de Araujo, Carina Dantas de Oliveira, Viviane Oliveira Augusto, Gabriella Rossetti Ferreira e Paulo Rennes Marçal Ribeiro,** aprofundar conhecimentos sobre as relações de gênero, música e poder no império, verificando a vida da Princesa Isabel. Será utilizado um recorte da história do Brasil, do poder atribuído a Princesa Isabel, e questões particulares, da vida privada e conflitos de gênero vivenciados. No artigo EXPERIMENTALISMO E MÚSICA CONCRETA NO JAPÃO PÓS-GUERRA: RELIEF STATIQUE (1955) E VOCALISM AI (1956) DE TORU TAKEMITSU, o autor **Luiz Fernando Valente Roveran** busca uma visão endêmica do conceito de música concreta que emerge na década de 1950 em Tóquio. No ARTIGO FAARTES VIRTUAL: UM MODELO DE AMBIENTE VIRTUAL PARA O ENSINO DE ARTES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MAZONAS, o AUTOR Jackson Colares da Silva busca descrever um modelo de Universidade Virtual adaptado ao contexto amazônico. **No artigo FEEDBACK EM MUSICOTERAPIA GRUPAL, os autores, Marcus Vinícius Alves Galvão, Claudia Regina de Oliveira Zanini,** buscam estudar, resultado de um projeto vinculado ao Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC).

**NO ARTIGO FORMAÇÃO HUMANA:** uma breve análise de paradigmas formativos na História da Humanidade e suas implicações ao Filosofar e à educação, as autoras **Letícia Maria Passos Corrêa e Neiva Afonso Oliveira,** disserta sobre o papel do Ensino de Filosofia e sua conexão com os processos relativos à formação humana na direção da compreensão de que nascemos humanos, mas precisamos continuar a sê-lo. No artigo **GOETHE E A EDUCAÇÃO: PRINCÍPIOS FORMAÇÃO A PARTIR DA OBRA OS ANOS DE APRENDIZADO DE WILHELM MEISTER,** Márcio Luís Marangon busca analisar a obra Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister, de Goethe. representa uma síntese da dissertação “Guitarra Baiana: uma proposta metodológica para o ensino instrumental” (VARGAS, 2015) **GUIARRA BAIANA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO INSTRUMENTAL, Alexandre Siles Vargas** Busca trazer a síntese da dissertação “Guitarra Baiana: uma proposta metodológica para o ensino instrumental” realizada durante nosso Mestrado em Música na subárea na subárea Educação Musical do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia. **No artigo IDEIAS DE H. J. KOELLREUTTER PARA EDUCAÇÃO MUSICAL NO BRASIL E SUA POSIÇÃO QUANTO AO PAPEL DA**

**ESCU**TA, os autores, **Patrícia Lakchmi Leite Mertzig Gonçalves de Oliveira, André Luiz Correia Gonçalves de Oliveira** apresenta aspectos da influência de Hans Joachim Koellreutter na prática musical e pedagógica no Brasil. No artigo **INTERATIVIDADE E MÚSICA NO VIDEOGAME: UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS TÉCNICAS DE COMPOSIÇÃO PARA ÁUDIO DINÂMICO EMPREGADAS NA TRILHA MUSICAL DE JOURNEY (2012)**, o autor **Luiz Fernando Valente Roveran** busca estudar duas técnicas de composição para videogames aplicadas por Austin Wintory à música de Journey (2012). No artigo **JORNADA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO MUSICAL: REFLETINDO SOBRE AS APRENDIZAGENS GERADAS NA ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS** as autoras, **Natália Búrigo Severino, Mariana Barbosa Ament**, busca analisar os Estudos em Educação Musical (JEEM) é um evento destinado ao compartilhar de concepções, ideias e práticas de processos educativos em música. No artigo **LUIZ BONFÁ: uma breve trajetória, parcerias e apontamentos do estilo**, o autor **Tiago de Souza Mayer**, o trabalho consiste em traçar uma breve trajetória do violonista e compositor Luiz Floriano Bonfá, de modo a destacar parcerias relevantes e realizar apontamentos sobre seu estilo no violão. Para a fundamentação buscamos referências em Bourdieu (2006), Giovanni Levi (2006) François Dosse (2009). No artigo **MIGRANTES EM BOA VISTA: SUBJETIVIDADE DA MUSICALIDADE GAÚCHA PRESENTE NAS MANIFESTAÇÕES JUNINAS BOAVISTENSE**, autor **Marcos Vinícius Ferreira da Silva e Leila Adriana Baptaglin**, buscou compreender de que maneira a subjetividade da musicalidade gaúcha contribuiu para as múltiplas identidades da musicalidade boavistense. No artigo **a MÚSICA, EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: EM FOCO AS RELAÇÕES COM O MEIO** da autora **Silvia Cordeiro Nassif**, objetivo trazer as contribuições da psicologia histórico-cultural para a educação musical. No artigo **MUSICALIZAÇÃO NA MATURIDADE: INCLUSÃO DE IDOSOS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO MUSICAL POR MEIO DA FLAUTA DOCE E DO CANTO CORAL**, o autor **Jovenildo da Cruz Lima**, busca analisar nesta pesquisa a prática de inclusão de pessoas acima dos 60 anos por meio da musicalização com flauta doce, bem como o canto coral, buscando identificar possibilidades para a inclusão do idoso no âmbito da educação musical. No artigo **NA CALADA DA NOITE? SILÊNCIO**, a autora **Priscila Loureiro Reis**, discute a essência da música em sua unidade com o ser e o silêncio, apontando para uma musicalidade que desvela o ser e em tal desvelamento faz desencadear realidade, estabelecer sentido e constituir memória. No artigo **NARRATIVIDADE E RANDOMIZAÇÃO DA PAISAGEM SONORA EM JOGOS ELETRÔNICOS**, os autores **Fernando Emboaba de Camargo e José Eduardo Fornari Novo Junior**, propõem-se uma solução parcial para esse problema com base na fragmentação de longos trechos de ambiente sonoros associados à narrativa e uma posterior randomização temporal do conjunto de fragmentos sonoros. No artigo **NEGOCIANDO DISTÂNCIAS NAS AULAS DE MÚSICA: REFLETINDO SOBRE ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DE MICHEL MEYER**, a autora **Helen Silveira Jardim de Oliveira** busca compartilhar

algumas reflexões de nossa tese de doutorado defendida no ano de 2014 cujo título foi: Ensinar e aprender música: negociando distâncias entre os argumentos de alunos, professores e instituições de ensino. **No artigo NOVA TRANSCRIÇÃO DE “NOITE DE LUA” DE DILERMANDO REIS PARA VIOLÃO SOLO FUNDINDO A PARTE DOS DOIS VIOLÕES COM BASE NA GRAVAÇÃO ORIGINAL**, o autor Breno Raphael de Andrade Pereira sugere a execução da peça Noite de Lua de modo mais fiel ao áudio original. Essa nossa transcrição diferencia-se das demais pela semelhança com a gravação deixada pelo compositor, contrastando com os demais arranjos disponíveis no grave desvio com relação à *forma*, baixos e ritmo. **O artigo O CICLO DA APRENDIZAGEM CRIATIVA NA AULA DE PIANO EM GRUPO**, o autor José Leandro Silva Martins Rocha, Discute os resultados de uma pesquisa de mestrado (ROCHA, 2015), que teve por objetivo investigar a aprendizagem criativa na aula de piano em grupo, por meio de uma pesquisa-ação com alunos do Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. No artigo **O DISCURSO MUSICAL DO SÉCULO XVIII: ACEPÇÕES DE GOSTO NA OBRA DE FRANCESCO GEMINIANI (1687-1762)**, o autor Marcus Vinícius Sant’Anna Held Neves discorrer sobre diversas emulações retóricas almejadas por Geminiani (1687-1762) em sua obra tratadística, sobretudo nas *Regras para tocar com verdadeiro gosto* (c.1748), *Tratado sobre o bom gosto na arte da música* (1749) e *A arte de tocar violino* (1751).

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
PRINCESA ISABEL: GÊNERO E PODER NO IMPÉRIO E MÚSICA	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Karla Cristina Vicentini de Araujo	
Carina Dantas de Oliveira	
Viviane Oliveira Augusto	
Gabriella Rossetti Ferreira	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0531905021</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>10</b>
EXPERIMENTALISMO E MÚSICA CONCRETA NO JAPÃO PÓS-GUERRA: <i>RELIEF STATIQUE</i> (1955) <i>E VOCALISM AI</i> (1956) DE TORU TAKEMITSU	
Luiz Fernando Valente Roveran	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0531905022</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>18</b>
FAARTES VIRTUAL: UM MODELO DE AMBIENTE VIRTUAL PARA O ENSINO DE ARTES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS	
Jackson Colares da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0531905023</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
<i>FEEDBACK</i> EM MUSICOTERAPIA GRUPAL	
Marcus Vinícius Alves Galvão	
Claudia Regina de Oliveira Zanini	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0531905024</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
GOETHE E A EDUCAÇÃO: PRINCÍPIOS FORMAÇÃO A PARTIR DA OBRA OS ANOS DE APRENDIZADO DE WILHELM MEISTER	
Márcio Luís Marangon	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0531905025</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>60</b>
GUITARRA BAIANA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO INSTRUMENTAL	
Alexandre Siles Vargas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0531905026</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>76</b>
IDEIAS DE H. J. KOELLREUTTER PARA EDUCAÇÃO MUSICAL NO BRASIL E SUA POSIÇÃO QUANTO AO PAPEL DA ESCUTA	
Patrícia Lakchmi Leite Mertzig Gonçalves de Oliveira	
André Luiz Correia Gonçalves de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0531905027</b>	



<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>85</b>
INTERATIVIDADE E MÚSICA NO VIDEOGAME: UM ESTUDO DE CASO SOBRE AS TÉCNICAS DE COMPOSIÇÃO PARA ÁUDIO DINÂMICO EMPREGADAS NA TRILHA MUSICAL DE <i>JOURNEY</i> (2012)	
<a href="#">Luiz Fernando Valente Roveran</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0531905028</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>95</b>
JORNADA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO MUSICAL: REFLETINDO SOBRE AS APRENDIZAGENS GERADAS NA ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS	
<a href="#">Natália Búrigo Severino</a>	
<a href="#">Mariana Barbosa Ament</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0531905029</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>102</b>
LUIZ BONFÁ: UMA BREVE TRAJETÓRIA, PARCERIAS E APONTAMENTOS DO ESTILO	
<a href="#">Tiago de Souza Mayer</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05319050210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>111</b>
MIGRANTES EM BOA VISTA: SUBJETIVIDADE DA MUSICALIDADE GAÚCHA PRESENTE NAS MANIFESTAÇÕES JUNINAS BOAVISTENSE	
<a href="#">Marcos Vinícius Ferreira da Silva</a>	
<a href="#">Leila Adriana Baptaglin</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05319050211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>121</b>
MÚSICA, EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: EM FOCO AS RELAÇÕES COM O MEIO	
<a href="#">Silvia Cordeiro Nassif</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05319050212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>130</b>
MUSICALIZAÇÃO NA MATURIDADE: INCLUSÃO DE IDOSOS NA ÁREA DA EDUCAÇÃO MUSICAL POR MEIO DA FLAUTA DOCE E DO CANTO CORAL	
<a href="#">Jovenildo da Cruz Lima</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05319050213</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>135</b>
NA CALADA DA NOITE? SILÊNCIO	
<a href="#">Priscila Loureiro Reis</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05319050214</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>152</b>
NEGOCIANDO DISTÂNCIAS NAS AULAS DE MÚSICA: REFLETINDO SOBRE ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DE MICHEL MEYER	
<a href="#">Helen Silveira Jardim de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05319050215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>160</b>
NOVA TRANSCRIÇÃO DE “NOITE DE LUA” DE DILERMANDO REIS PARA VIOLÃO SOLO FUNDINDO A PARTE DOS DOIS VIOLÕES COM BASE NA GRAVAÇÃO ORIGINAL	
<a href="#">Breno Raphael de Andrade Pereira</a>	

DOI 10.22533/at.ed.05319050216

**CAPÍTULO 17 ..... 175**

O CICLO DA APRENDIZAGEM CRIATIVA NA AULA DE PIANO EM GRUPO

[José Leandro Silva Martins Rocha](#)

DOI 10.22533/at.ed.05319050217

**CAPÍTULO 18 ..... 189**

O DISCURSO MUSICAL DO SÉCULO XVIII: ACEPÇÕES DE GOSTO NA OBRA DE FRANCESCO GEMINIANI (1687-1762)

[Marcus Vinícius Sant'Anna Held Neves](#)

DOI 10.22533/at.ed.05319050218

**CAPÍTULO 19 ..... 205**

O ENSINO DE SAMBA-REGGAE BASEADO NA TEORIA ESPIRAL DO DESENVOLVIMENTO MUSICAL DE SWANWICK E TILLMAN

[Alexandre Siles Vargas](#)

DOI 10.22533/at.ed.05319050219

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 220**

## MÚSICA, EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO INFANTIL: EM FOCO AS RELAÇÕES COM O MEIO

**Silvia Cordeiro Nassif**

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP  
Campinas – SP

**RESUMO:** Este trabalho é parte de uma pesquisa desenvolvida na Unicamp que tem por objetivo trazer as contribuições da psicologia histórico-cultural para a educação musical. O recorte aqui apresentado, uma reflexão de natureza teórica, coloca em discussão as funções do meio (físico e social) no desenvolvimento musical de bebês e crianças pequenas sobretudo à luz de Vigotski e Wallon, mas dialogando também com pesquisadores atuais da psicologia do desenvolvimento e da educação musical. Entre as principais conclusões dessa reflexão destaca-se: 1- a forte influência (positiva ou negativa) que o meio pode ter na constituição de uma musicalidade na criança; 2- o caráter não determinista dessa influência e o papel ativo dos sujeitos no desenvolvimento; 3- o cuidado que devemos ter em relação à qualidade do meio sonoro/musical oferecido às crianças, seja nas instituições escolares, seja no ambiente familiar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desenvolvimento infantil; Desenvolvimento musical; Psicologia histórico-cultural.

**ABSTRACT:** This work is part of a research

carried out at the University of Campinas that aims to bring out the historical-cultural psychology contributions to musical education. It is presented as a theoretical discussion about the role of physical and social environment on the development of babies and small children, especially based on Vigotski and Wallon, but including present researchers on psychology of development and musical education. Among the most relevant conclusions, it is highlighted: 1- the substantial influence (positive or negative) of the environment on the constitution of the child musicality; 2- the non-deterministic character of this influence and the active role of the individuals on their development; 3- the attention we must have to the quality of the sound and musical environment offered to children in schools as well as in their families.

**KEYWORDS:** Child development; Musical development; Historical-cultural Psychology

### 1 | INTRODUÇÃO

Quando pensamos em educação musical de bebês e crianças pequenas, parece ser consenso entre pesquisadores e educadores de diversas linhas teóricas que a questão do desenvolvimento infantil como um todo deva ser considerada. E, nesse sentido, a psicologia do desenvolvimento pode ser uma importante

aliada: conhecer as necessidades da criança, suas formas de se relacionar com o mundo em geral e com o mundo sonoro em particular, suas aquisições em diversas áreas, enfim, tudo o que diz respeito ao seu desenvolvimento global é importante e afeta as possibilidades de desenvolvimento e educação musical.

Nessa direção, este trabalho tem como objetivo pensar algumas relações entre música e desenvolvimento infantil no seu duplo aspecto: como a música, enquanto uma forma específica de linguagem, afeta o desenvolvimento da criança e, por outro lado, como aspectos específicos do desenvolvimento afetam a constituição de uma musicalidade nela. Essa reflexão se faz necessária na medida em que muitas práticas corriqueiras com música são usadas nas instituições escolares de um modo aleatório e vazio, pois, como aponta Maffioletti (2001), não cumprem nem objetivos musicais nem quaisquer outros. Para avançar em relação a essas práticas destituídas de valor educativo, porém, é necessário avançar no conhecimento teórico sobre a criança em suas relações com a música.

Falar em desenvolvimento infantil do ponto de vista da psicologia, entretanto, é uma simplificação, pois existem várias abordagens psicológicas do desenvolvimento, cada uma com pressupostos distintos e, portanto, levando a questionamentos e, ainda que indiretamente, a soluções pedagógicas diferentes. Sem desconsiderar as contribuições trazidas pelas diversas linhas da psicologia do desenvolvimento, neste trabalho assumo como aporte teórico os princípios da psicologia histórico-cultural, que teve no russo Lev Semenovitch Vigotski seu grande expoente, mas contou também com pesquisadores em várias partes do mundo que seguiram princípios semelhantes, mesmo que a partir de outras bases. Entre esses pesquisadores está o francês Henri Wallon que, a rigor, não representa a psicologia histórico-cultural, pois não se filia, como Vigotski, a uma linhagem de pesquisadores marxistas, mas segue fundamentos teóricos que permitem colocá-los em diálogo. Esse pensamento, pela abrangência e complexidade com que trata as questões do desenvolvimento e, ao mesmo tempo, pela forte preocupação que teve pelas questões educacionais, tem se mostrado bastante promissor na tentativa empreendida por diversos pesquisadores em superar certas dicotomias que por muito tempo predominaram na educação e sobretudo na música (como musical/não musical; técnica/estética; teoria/prática; individual/social; criação/interpretação etc.), enfraquecendo as possibilidades de uma educação musical mais incluyente. Esse fato me levou a desenvolver uma pesquisa que visa trazer as contribuições da psicologia histórico-cultural para a educação musical em geral, da qual o presente trabalho é um pequeno recorte. Trata-se de uma pesquisa bastante abrangente e que acolhe diversas pesquisas menores, com temas mais pontuais, como é o caso do desenvolvimento de bebês e crianças pequenas, mas sempre com o objetivo de colocar em discussão os pressupostos epistemológicos da perspectiva histórico-cultural e sua aplicabilidade à música.

De acordo com a abordagem teórica aqui assumida, o desenvolvimento humano

é um processo histórico e complexo de apropriação cultural no qual nosso aparato biológico, dado no nascimento e individual para cada ser, sofrerá modificações em função das nossas experiências individuais e de nossas práticas sociais. Sendo assim, cada grupo cultural contribuirá ou não, pelas práticas que propõe, para que os seus indivíduos possam ter determinadas aquisições e, ao mesmo tempo, cada indivíduo, por ter experiências únicas, desenvolverá uma *personalidade* dentro das possibilidades coletivas. Um ponto importante a ser destacado é que, estando o processo de desenvolvimento totalmente atrelado às práticas sociais, a questão da aprendizagem (formal ou informal) e as interações sociais adquirem grande destaque nessa linha de pensamento. Dito de outro modo, para que haja qualquer forma de desenvolvimento é preciso que haja algum tipo de aprendizagem mediada por outros indivíduos. O contexto social, assim como o meio físico, nesse sentido, não são apenas panos de fundo sobre os quais o desenvolvimento acontece; eles são constitutivos do indivíduo e de todas as suas possibilidades ou impossibilidades de desenvolvimento.

Sem a intenção de esgotar todas as discussões possíveis dentro da grande temática a que se propõe este trabalho, o texto foi estruturado em dois tópicos principais. Inicia com uma reflexão sobre a centralidade do meio ambiente e das interações sociais no desenvolvimento. Num segundo tópico são abordadas algumas questões específicas relativas aos bebês. As últimas considerações reforçam a necessidade de um olhar atento e uma participação ativa do educador musical em relação à criança e suas interações.

## 2 | A QUESTÃO DO MEIO NO DESENVOLVIMENTO

De acordo com a psicologia histórico-cultural, o meio desempenha um papel fundamental no desenvolvimento. Tanto para Wallon (1975), quanto para Vigotski (2010), o desenvolvimento da criança se dá através de uma sucessão de diferentes modos com que ela se relaciona com diferentes meios ambientes (que, para ambos os autores, inclui tanto o meio físico quanto o social) em cada etapa. Estudar a criança, dessa forma, é, em grande medida, estudar como se constituem essas relações.

Uma característica importante do meio é seu caráter relativo e dinâmico, já que ele exerce influências diferentes em idades diferentes e para crianças com experiências pessoais particulares. Não há, pois, a ideia de um determinismo, nem tampouco de uma fixidez no modo como o meio afeta o desenvolvimento: “Em cada fase se constitui, entre os recursos da criança e o meio, um sistema de relações que faz que eles se especifiquem reciprocamente: o meio não é o mesmo para todas as idades.” (CARVALHO; PEDROSA; ROSSETTI-FERREIRA, 2012, p.63).

Estando o desenvolvimento da criança totalmente atrelado às relações que ela estabelece com os diferentes meios, e sendo estes, por sua vez, circunscritores de possibilidades interacionais, pode-se dizer que da especificidade dessas relações

interativas depende a aquisição e desenvolvimento (ou não) de determinadas funções psicológicas. Assim, por exemplo, uma criança oriunda de um ambiente no qual a música é um valor importante terá maiores chances de se desenvolver musicalmente. Muito provavelmente essa criança ouvirá música com frequência desde o nascimento (ou mesmo antes), terá acesso a um repertório rico e variado, talvez também seja estimulada através de brinquedos sonoros e instrumentos musicais, verá seus pais ou pessoas afetivamente próximas valorizando ou mesmo praticando música de alguma forma e usando essa forma de linguagem para interagir com ela etc. Sua relação com o ambiente sonoro, em suma, abrirá possibilidades promissoras para a constituição de uma musicalidade consistente nessa criança. Essas possibilidades, entretanto, não serão garantia de um desenvolvimento musical, pois isso dependerá também da forma como ela usará esse meio. Muitas vezes, por exemplo, é fornecido um ambiente material rico, mas a criança não é estimulada pelo meio social (as pessoas ao seu redor) a usar esses recursos em prol de seu desenvolvimento. Nesse sentido, é importante lembrar que, para Wallon (1975), há uma anterioridade do meio social sobre o físico, de tal modo que as crianças não aprendem quase nada sozinhas, apenas por tentativas e experimentações pessoais, mas principalmente por imitação dos que lhes são próximos. É o meio social, portanto, que fornecerá os estímulos necessários para que cada criança utilize ou não as condições musicais fornecidas. Há, dessa forma, um papel ativo, ou melhor, interativo, do sujeito em relação ao seu próprio desenvolvimento.

Um dos pontos mais importantes sobre a relação com o meio no desenvolvimento diz respeito ao fato de que embora a criança, no início, só possua competências muito rudimentares (que Vigotski, 2010, denomina “formas primárias”), aquilo que deve resultar ao final (as “formas ideais ou finais” de acordo com a sua terminologia que talvez nos soe hoje carregada de certo preconceito, mas não tinha essa conotação na época) já é dado pelo meio desde o começo, e todo o processo de desenvolvimento acontece justamente na interação das possibilidades iniciais da criança com essas formas finais. Diz o autor:

A maior particularidade do desenvolvimento infantil consiste em se tratar de um desenvolvimento que ocorre em condições de interação com o meio, quando a forma ideal, a forma final, esta que deverá aparecer ao final do desenvolvimento, não somente existe no meio e concerne à criança logo desde o início, mas realmente interage, realmente exerce influência sobre a forma primária, sobre os primeiros passos do desenvolvimento infantil, ou seja, em outras palavras, *há algo, algo que deve se construir bem ao final do desenvolvimento, e que, de alguma maneira, influencia logo o início do desenvolvimento* (VIGOTSKI, 2010, p. 693, grifos do autor).

**Um dos exemplos usados para ilustrar esse aspecto é a aquisição da fala:**

Uma criança apenas começou a falar, pronunciar palavras separadamente, como geralmente fazem as crianças que começam a dominar a fala. Mas será que, no meio onde está essa criança, já existe uma fala desenvolvida, que deverá vir à tona somente no final do desenvolvimento? Existe. A criança fala frases monossilábicas,

mas a mãe fala com a criança já com uma linguagem gramatical e sintaticamente formada, com um bom vocabulário, é claro, organicamente relacionado ao bebê, mas, em todos os casos, ela já se comunica usando uma forma desenvolvida da fala (VIGOTSKI, 2010, p. 693).

Quando pensamos no processo de aquisição da linguagem musical, essa questão é particularmente relevante, já que, entre os vários equívocos que perpassam práticas musicais com crianças pequenas, figura o pressuposto de que suas limitações musicais pedem ou justificam o uso de um repertório simplificado. Nesse sentido, vemos com frequência nas instituições apenas o uso de canções infantis elementares, muitas vezes estereotipadas, com arranjos muito simples, não raro extremamente padronizados. A despeito de suas possibilidades primárias musicais, há necessidade, segundo essa visão, que o meio forneça e estimule a interação também com formas musicais mais elaboradas, pois esta é uma das condições para o desenvolvimento, para que a criança chegue, mais adiante, às “formas ideais”. Desse ponto de vista, parece ser primordial apresentar às crianças uma pluralidade de músicas, tanto de gêneros eruditos, quanto populares e étnicos. E, mais do que apresentar, parece ser primordial estimular formas de interação, mediadas por outras pessoas, com esses repertórios, para que as crianças não os recebam passivamente, mas ajam sobre eles, transformando-os em fonte de desenvolvimento musical.

Ainda em relação a esse aspecto, outro equívoco que vemos com frequência na educação musical de crianças pequenas diz respeito à forte ênfase em um trabalho com elementos musicais muito simples (geralmente pequenas células rítmicas ou melódicas e treinamento para reconhecimento dos parâmetros sonoros), os quais são apresentados apartados das formas musicais mais complexas. O princípio parece ser o mesmo: o simples deve anteceder o complexo, as partes devem anteceder o todo, o conhecimento de elementos prepara para o conhecimento da linguagem. Também aqui se perde a oportunidade de colocar as formas musicais primárias da criança em interação com “formas musicais finais”, condição *sine qua non* para um desenvolvimento musical pleno.

A seguir, continuando a reflexão sobre a influência do meio no desenvolvimento, o foco recairá sobre os primeiros anos de vida e o meio sonoro.

### **3 | O BEBÊ E SUA RELAÇÃO COM O MEIO SONORO**

A relação da criança com o universo dos sons começa antes mesmo do seu nascimento. Segundo pesquisas na área (CARVALHO; PEDROSA; ROSSETTI-FERREIRA, 2012, p.99; ILARI, 2006, p.273-274), a partir do sexto mês de gravidez o bebê já ouve vários sons, tanto provenientes do corpo da mãe quanto do ambiente externo. Esses sons ouvidos na fase intra-uterina (batimentos cardíacos, voz feminina, músicas ouvidas pela mãe de modo recorrente durante a gravidez etc.) provocarão, inclusive, logo após o nascimento, um efeito tranquilizador no bebê, o que tem permitido

concluir que ficam de alguma forma armazenados na memória biológica do recém nascido.

Ao nascer, o bebê começa a interagir com o mundo sonoro de diversas maneiras, tanto em função de suas necessidades mais imediatas de sobrevivência e adaptação ao meio, quanto das experiências sonoras singulares pelas quais ele vai passando. De acordo com a psicologia histórico-cultural, a criança é dotada de uma capacidade inata de troca social, pois dela depende totalmente seu desenvolvimento (CARVALHO; PEDROSA; ROSSETTI-FERREIRA, 2012; PINO, 2005, p.67). No início, logo após seu nascimento, ela conta apenas com as chamadas funções psicológicas *naturais* (biológicas, também denominadas “inferiores”, são as que temos em comum com os animais), as quais são insuficientes para o seu pleno desenvolvimento. Para que possa desenvolver as funções *culturais* (ou “superiores”, especificamente humanas, responsáveis por todo comportamento voluntário e complexo), é preciso que a criança entre em contato com uma comunidade na qual essas funções sejam constitutivas dos indivíduos. No curso do desenvolvimento, esses dois tipos de funções (naturais e culturais) se fundirão num sistema altamente complexo (PINO, 2005, p. 43-68), de tal modo que ficará impossível separá-las novamente. Vemos, então, conforme essa perspectiva teórica, que não apenas a sobrevivência do bebê depende de outras pessoas, mas a sua própria possibilidade de desenvolvimento. Há, pois, uma centralidade na interação com o “outro” quando se fala em desenvolvimento infantil. A relação de um bebê com o mundo, portanto, não é direta (ou talvez só o seja nos primeiros dias de vida), mas sempre mediada pelo meio social.

A primeira manifestação da capacidade inata da criança de comunicação é, sem dúvida, o choro. O choro, inicialmente uma manifestação puramente biológica, vai, aos poucos se constituindo numa forma de linguagem que a criança estabelece com a mãe e demais cuidadores, permitindo que ela expresse suas necessidades mais sutis. Posteriormente, já com alguns meses, o bebê começa a utilizar outros recursos sonoros, como os balbucios, as vocalizações pré-linguísticas e as diversas formas de improvisação vocal. Essas manifestações sonoras, inicialmente talvez apenas experimentações expressivas de caráter lúdico, vão aos poucos sendo “interpretadas” por parceiros de interações sociais (pais e mães, cuidadores, outras crianças) e se constituindo em formas de comunicação, podendo tanto evoluir para a linguagem verbal quanto para a música. Vemos, portanto, que as primeiras produções sonoras das crianças muito pequenas têm uma função predominantemente interativa e, portanto, social. A rigor, não podemos considerá-las ainda nem língua nem música, mas com certeza formas rudimentares de linguagem, modos partilhados socialmente de comunicação. Nesse sentido, mesmo que a questão das origens ontológicas comuns da música e da fala conte com muitos adeptos mas não seja consensual entre os pesquisadores (ILARI, 2003; RODRIGUES;ARRAIS; RODRIGUES, 2013), a função comunicativa de muitas dessas primeiras produções sonoras dificilmente será negada.



Além de suas produções próprias, o contato do bebê com o meio sonoro se dá também através do que ele ouve, ou seja, no papel de receptor. E, desse lugar, as possibilidades são inúmeras: desde os sons do ambiente, os quais lhe servem de referência desde o nascimento, passando pelas cantigas de ninar, pelas músicas ouvidas nos mais diversos contextos, todo um universo de sons começa a habitar o mundo da criança. Também aqui a questão das relações sociais se mostra em destaque, pois muitas das músicas ouvidas terão como função principal o estabelecimento de vínculos sociais, sobretudo vínculos afetivos, os quais interferirão tanto no desenvolvimento global da criança quanto na constituição de uma musicalidade nela. De acordo com Wallon, no primeiro ano de vida da criança há a predominância do aspecto emotivo. A emoção é o “instrumento privilegiado de interação da criança com o meio. Resposta ao seu estado de imperícia, a predominância da afetividade orienta as primeiras reações do bebê às pessoas, as quais intermediam sua relação com o mundo físico” (GALVÃO, 2000, p. 43). Em pesquisas sobre o desenvolvimento musical, também a questão da afetividade tem sido destacada por diversos pesquisadores, como, por exemplo Beyer (2007) e Soares (2008).

Dessa forma, podemos dizer que a música tem para o bebê um duplo caráter mediador (SCHROEDER; SCHROEDER, 2011), pois é, ao mesmo tempo, mediadora *de* e mediada *por* relações sociais. Mais do que isso, a qualidade dessas mediações provavelmente vai ser determinante na relação que cada criança construirá com a música e, conseqüentemente, nas suas possibilidades ou impossibilidades musicais futuras. Em outras palavras, as formas (a frequência, os cuidados, os repertórios, as situações e pessoas envolvidas) como a música entra na vida de uma criança muito pequena talvez exerçam uma influência muito além do que se pensa normalmente no seu desenvolvimento musical. Pesquisas com bebês têm demonstrado, de diversas maneiras, o quanto o ambiente afeta tanto as produções quanto a recepção da música. Em Beyer (2007), por exemplo, há referência a dados sobre a influência das músicas ouvidas nas improvisações vocais espontâneas de bebês, as quais são enriquecidas por elementos musicais oriundos de repertórios ouvidos com frequência. Já Soares (2008, p. 81) traz dados sobre as preferências musicais dos bebês ligadas às preferências musicais de seus pais. Adessi (2012, p.27-28), por sua vez, estuda como situações rotineiras de cuidados com o bebê, como a troca de fraldas, podem se tornar momentos ricos de interação vocal. Há, portanto, uma correlação explícita entre, por um lado, as possibilidades expressivas e a formação do gosto musical da criança, e, por outro, as informações musicais que ela absorve do ambiente. Mais uma vez reforça-se aqui a forte influência que o meio pode ter na constituição de uma musicalidade na criança e, portanto, o cuidado que devemos ter em relação a isso, seja nas instituições escolares, seja no ambiente familiar.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do pressuposto da psicologia histórico-cultural de que o desenvolvimento da criança está totalmente imbricado nas formas de relação que ela estabelece com o meio ambiente (considerando suas dimensões física e social), neste trabalho procurei destacar algumas questões específicas sobre as relações construídas através da música. Como consideração final destas reflexões, destaco a importância de que o educador musical tenha um olhar mais atento à criança pequena, tomando-a como um ser interativo e capaz de usar os estímulos fornecidos pelo meio em prol de seu desenvolvimento, e, ao mesmo tempo, colocando-se num papel ativo de interlocutor, imprescindível nesse processo.

## REFERÊNCIAS

ADDESSI, Anna Rita. Interação vocal entre bebês e pais durante a “troca de fraldas”. **Revista da ABEM**, Londrina, v. 20, n. 27, p. 21-30, 2012.

BEYER, Esther. As músicas do cotidiano nos processos de educação infantil. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 16., 2007, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: ABEM, 2007.

CARVALHO, Ana M. A.; PEDROSA, Maria Isabel; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. **Aprendendo com a criança de zero a seis anos**. São Paulo: Cortez, 2012.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

ILARI, Beatriz Senoi. Desenvolvimento cognitivo-musical no primeiro ano de vida. In: ILARI, Beatriz Senoi (org.). **Em busca da mente musical: ensaios sobre os processos cognitivos em música**. Curitiba: Editora da UFPR, 2006, p. 271-302.

MAFFIOLETTI, Leda. A. Práticas musicais na escola infantil. In: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gladis Elise P. da Silva. (orgs.). **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre, Artmed, 2001, p. 123-134.

PINO, Angel. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski**. São Paulo: Cortez, 2005.

RODRIGUES, Helena; ARRAIS, Nuno; RODRIGUES, Paulo Maria. Variações sobre temas de desenvolvimento musical e criação artística para a infância. In: ILARI, Beatriz; BROOCK, Angelita. **Música e educação infantil**. Campinas: Papyrus, 2013, p. 37-68.

SCHROEDER, Sílvia Cordeiro Nassif; SCHROEDER, Jorge Luiz. Apropriação da música por crianças pequenas: mediação, sentidos musicais e valores estéticos. In: SMOLKA, Ana Luiza; NOGUEIRA, Ana Lúcia (orgs.). **Emoção, memória e imaginação: a constituição do desenvolvimento humano na história e na cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 57-83.

SOARES, Cíntia Vieira da Silva. Música na creche: possibilidades de musicalização de bebês. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 20, p. 79-88, 2008.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. Quarta aula: a questão do meio na pedagogia. Tradução de Márcia

Peleggi Vinha. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 681-701, 2010.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância**. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1975.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO:** Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-105-3

